



<http://dx.doi.org/10.15448/1984-4301.2024.1.46120>

SEÇÃO: ESTAS NÃO SÃO HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS – REPRESENTAÇÕES DA INFÂNCIA NA LITERATURA, NO AUDIOVISUAL E NAS ARTES

## Crianças na Era Vitoriana: uma análise da infância a partir de *Oliver Twist* e *Um Conto de Natal*, de Charles Dickens

*Children in the Victorian era: An Analysis of Childhood Based on Oliver Twist and A Christmas Carol*, by Charles Dickens

*Los niños en la época Victoriana: un análisis de la infancia a partir de Oliver Twist y Un cuento de Navidad*, de Charles Dickens

**Maria Victória Ruela de Seixas<sup>1</sup>**

[orcid.org/0009-0009-8871-318X](https://orcid.org/0009-0009-8871-318X)  
[victoriam.seixas@gmail.com](mailto:victoriam.seixas@gmail.com)

**Recebido em:** 30 abr. 2024.

**Aprovado em:** 21 ago. 2024.

**Publicado em:** 06 nov. 2024.

**Resumo:** Este artigo abordará a representação da infância durante a primeira Revolução Industrial, que ocorreu na Era Vitoriana na Inglaterra, entre 1760 e 1840, através das obras de Charles Dickens *Oliver Twist* (1837) e *Um Conto de Natal* (1943). Para tal, serão utilizados os estudos do filósofo político alemão e sociólogo marxista Friedrich Engels, a fim de elucidar o que estava acontecendo no território britânico nesse período e como a Revolução Industrial reconstruiu a realidade do que veio a ser o proletariado inglês. Em sequência, serão apontadas as questões propriamente ditas das condições de trabalho às quais as crianças que trabalhavam nas fábricas eram submetidas. Então, será realizada uma breve apresentação do autor Charles Dickens e, logo após, serão discorridas as análises das obras literárias *Oliver Twist* e *Um Conto de Natal*.

**Palavras-chave:** Charles Dickens; Revolução Industrial; Era Vitoriana; trabalho infantil.

**Abstract:** This article will address the representation of childhood during the first Industrial Revolution that occurred in the Victorian Era in England, between 1760 and 1840, through the works of Charles Dickens, *Oliver Twist* (1837) and *A Christmas Carol* (1943). To this end, the studies of the German political philosopher and Marxist sociologist Friedrich Engels will be used to elucidate what was happening in British territory during this period and how the Industrial Revolution reconstructed the reality of what became the English proletariat. Next, the issues relating to the working conditions faced by children who worked in factories will be highlighted. Then, there will be a brief presentation by the author Charles Dickens and immediately after the analysis of the literary works *Oliver Twist* and *A Christmas Carol* will be discussed.

**Keywords:** Charles Dickens; Industrial Revolution; Victorian Age; Child Labor.

**Resumen:** Este artículo abordará la representación de la infancia durante la primera Revolución Industrial ocurrida en la Era Victoriana en Inglaterra, entre 1760 y 1840, a través de las obras de Charles Dickens, *Oliver Twist* (1837) y *Un cuento de Navidad* (1943). Para ello, se utilizarán los estudios del filósofo político y sociólogo marxista alemán Friedrich Engels para dilucidar qué estaba sucediendo en territorio británico durante este período y cómo la Revolución Industrial reconstruyó la realidad de lo que llegó a ser el proletariado inglés. A continuación, se destacarán las cuestiones relativas a las condiciones laborales que enfrentan los niños que trabajan en las fábricas. Luego, habrá una breve presentación del autor Charles Dickens e inmediatamente después se comentará el análisis de las obras literarias *Oliver Twist* y *Un Cuento de Navidad*.

**Palabras clave:** Charles Dickens; Revolución Industrial; Era Victoriana; trabajo infantil.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, São Paulo, Brasil.

## Considerações iniciais

A problemática do trabalho infantil no mundo não é um assunto que se perdeu no passado e muito menos é uma notícia inédita. O senso de proteção que a sociedade contemporânea ocidental tem em relação às crianças, especialmente às mais jovens, decorre de um processo planejado e incentivado, não sendo um fenômeno espontâneo da humanidade. Especialistas no tema, como a pesquisadora Teresa Colomer, afirmam que o cuidado com os jovens só se tornou uma preocupação genuína da sociedade como um todo a partir do século XVII.

A noção de infância surgiu no século XVII, primeiro com o reconhecimento e a legitimação de algumas necessidades infantis diferenciadas, em relação aos adultos e, mais tarde, com a incorporação da ideia de que o adulto é o responsável pela aprendizagem das novas gerações (Colomer, 2003, p. 160).

Existe uma importante contradição histórica no que diz respeito a esse evento. Entre meados do século XVIII e meados do século XIX, aconteceu na Inglaterra o período que se tornou conhecido como "Revolução Industrial". Apesar de a constatação do aumento da preocupação com a infância no século XVII ser factual e verificada com base em dados da época, até o final da primeira Revolução Industrial, em 1840, as crianças, especialmente as órfãs, foram as grandes responsáveis pela produção fabril inglesa, uma vez que poderiam ter acesso aos espaços pequenos entre as máquinas devido a sua estatura.

Será explorado neste trabalho como esse período, apesar de ter tornado concreto o planejamento inglês de exploração e produção industrial exponencial oriundo do ideal capitalista, também foi um tempo de horror quando analisada a condição de saúde das crianças, que precisavam trabalhar nas fábricas para garantirem o seu sustento.

Com isso, é proposto fazer um levantamento do que estava ocorrendo no território inglês durante aqueles cem anos, expondo os equívocos e as irregularidades cometidos pelos responsáveis por esses jovens trabalhadores.

Charles Dickens, consagrado autor britânico, não só possuía o hábito de tratar as problemáticas do capitalismo selvagem inglês nas suas obras – igualmente a muitos outros autores da sua geração –, como também detinha lembranças próprias dos anos que precisou trabalhar nas mesmas fábricas retratadas em tantos romances desse período. Para exemplificar tais questões, foram selecionados os livros *Oliver Twist* (1837) e *Um Conto de Natal* (1843), de Dickens. Como afirma o jovem pesquisador Walter Gibson:

Muito mais que uma crítica econômica, Dickens se apoiará na crítica moral, considerando mais que a degeneração ética é papel principal para o alastramento da miséria do que as grandes mudanças econômicas do período industrial, apesar de não ignorar e considerar essa importante. É nessa caracterização dos personagens assim como na representação da miséria que se encontrará o teor de romancista crítico ao sistema vigente e também de indicação de como era a situação dos trabalhadores no período e um esboço das doenças que afetavam tal grupo (2019, p. 37-38).

## 1 A Revolução Industrial na Inglaterra

Antes de embarcar na análise literária dos grandes textos de Charles Dickens, é necessário compreender um pouco do tempo e do espaço do autor, que serviram de inspiração para os seus escritos. Entre 1760 e 1840, na Inglaterra – à época, parte do Império Inglês que vivia com grande intensidade o colonialismo através da monarca Rainha Victória, que deu o nome ao período –, aconteceu o evento que transformaria a realidade como era conhecida: a Revolução Industrial.

Para explicar o fenômeno fabril, Friedrich Engels escreveu *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, publicado em 1845.

[Engels foi um] revolucionário em busca de uma sociedade sem divisão de classes. Teórico do socialismo científico. Crítico enérgico da religião e da família. Coautor, ao lado do amigo Karl Marx, de um dos textos políticos mais influentes da humanidade, o Manifesto Comunista. Este foi Friedrich Engels, nascido há exatos 200 anos, em 28 de novembro de 1820, em Barmen, no então Reino da Prússia, hoje Alemanha (Prado, 2020).

O pesquisador explica de forma objetiva que

o desenvolvimento industrial inglês, responsável pelo impulsionamento desse tipo de indústria no mundo ocidental, provou inúmeras transformações na economia e na estrutura econômica pessoal e social dos indivíduos afetados por ele:

A Inglaterra constitui o terreno clássico dessa revolução, que foi tanto mais grandiosa quanto mais silenciosamente se realizou. É por isso que a Inglaterra é também o país clássico para o desenvolvimento do principal resultado dessa revolução: o proletariado. Somente na Inglaterra o proletariado pode ser estudado em todos os seus aspectos e relações (Engels, 2010, p. 45).

Engels afirma que a mudança do padrão rural de produção para o urbano afetou até mesmo os papéis dos indivíduos familiares dentro das moradias inglesas.

Antes da introdução das máquinas, a fição e a tecelagem das matérias-primas tinham lugar na casa do trabalhador. A mulher e os filhos fiavam e, com o fio, o homem tecia – quando o chefe da família não o fazia, o fio era vendido. Essas famílias tecelãs viviam em geral nos campos vizinhos às cidades e o que ganhavam assegurava perfeitamente sua existência porque o mercado interno – quase o único mercado – era ainda decisivo para a demanda de tecidos e porque o poder esmagador da concorrência, que se desenvolveu mais tarde com a conquista de mercados externos e com o alargamento do comércio, não incidia sensivelmente sobre o salário (Engels, 2010, p. 45-46).

Com o êxodo para grandes centros urbanos como Londres e a necessidade de aquisição monetária para garantir a sobrevivência, muitas pessoas sofreram com a falta de abrigo apropriado e de alimentação inadequada.

Em ruas como Long Acre e outras, não propriamente espaços de luxo, mas bastante convenientes, incontáveis porões são usados como habitações, dos quais saem à luz do dia silhuetas de crianças doentes e mulheres esfarrapadas, meio mortas de fome.

[...]

Nas vizinhanças do teatro de Drury Lane – o segundo de Londres – encontram-se algumas das ruas mais degradadas da cidade (Charles Street, King Street e Parker Street), cujas casas são habitadas, dos porões aos desvãos, por famílias paupérrimas. Nas paróquias de St. John e St. Margaret, em Westminster, segundo o *Journal of the Statistical Society*, em 1840,

5.366 famílias de operários viviam em 5.294 “habitações” (se é que a palavra pode ser usada): homens, mulheres e crianças, misturados sem qualquer preocupação com idade ou sexo, num total de 26.830 indivíduos – e três quartos do total dessas famílias dispunham de um só cômodo (Engels, 2010, p. 71-72).

Graças à moradia precária e à falta de saneamento básico apropriado, que não era comum nas áreas ricas da cidade, e muito menos nas mais humildes, muitas doenças se proliferavam, levando até mesmo a grandes manifestações, como a greve das mulheres trabalhadoras das fábricas de fósforos, de 1888, em Londres.

As casas são velhas, sujas e do tipo mais exíguo; as ruas, irregulares e nem todas pavimentadas, não são niveladas nem há rede de esgoto; imundície e lama, em meio a poças nauseabundas, estão por toda parte; daí a atmosfera, já enegrecida pela fumaça de uma dúzia de chaminés de fábricas, ser empestada. Vagueiam aí mulheres e crianças esfarrapadas, tão sujas como os porcos que chafurdam na imundície e na lama (Engels, 2010, p. 102).

Como será abordado posteriormente no artigo, a dificuldade à alimentação foi um dos grandes temas analisados por Charles Dickens em suas obras, uma vez que a desnutrição pode provocar diversas doenças, que vão além da própria fome, a qual, por sua vez, ocasionou e ocasiona inúmeras mortes ao redor do mundo até os dias atuais.

Outras enfermidades têm sua causa imediata não nas condições habitacionais em que vivem os operários, mas em sua alimentação. Esta, já inadequada para os adultos, é totalmente imprópria para as crianças – e faltam aos operários os recursos e o tempo para proporcionar a seus filhos uma nutrição conveniente. É preciso referir também o costume, muito difundido, de dar às crianças aguardente, ou até ópio. Tudo isso concorre, além dos efeitos danosos das outras condições de vida sobre o desenvolvimento físico, para o aparecimento de muitas doenças do aparelho digestivo, que deixam sequelas para o resto da vida. Quase todos os operários têm o estômago afetado e, no entanto, são constrangidos a ater-se permanentemente à dieta que é, ela mesma, a causa de seus males (Engels, 2010, p. 141).

Os filhos dos funcionários de classes mais baixas da época, como será apresentado por Dickens com o Pequeno Tim, eram os que mais sofriam, desconsiderando os órfãos operários,

pois muitas vezes acabavam sendo abandonados à própria sorte nas moradias enquanto seus pais passavam o dia trabalhando.

As estatísticas da mortalidade revelam níveis altíssimos, principalmente por causa das mortes entre as crianças pequenas da classe operária. O delicado organismo de uma criança é o que oferece a menor resistência aos efeitos deletérios de um modo de vida miserável; o abandono a que frequentemente se vê exposta quando os pais trabalham, ou quando um deles morre, logo faz sentir seu impacto – e, portanto, não pode ser razão de espanto se, por exemplo, em Manchester, conforme um relatório que já citamos, mais de 57% dos filhos de operários morrem antes de completar 5 anos, ao passo que essa taxa é de 20% para os filhos das classes mais altas e, nas zonas rurais, a média é de 32%.

[...]

Para além das várias doenças aqui mencionadas, que são a consequência necessária dos modernos abandono e opressão padecidos pela classe pobre, outros fatores contribuem para aumentar a mortalidade entre as crianças pequenas. Em muitas famílias, a mulher, assim como o homem, trabalha fora de casa, do que resulta a ausência de cuidados com as crianças, que ficam trancadas nas habitações ou, contra pagamento, sob a custódia de outras pessoas. Não estranha, pois, que centenas dessas crianças percam a vida nos mais diversos acidentes. Em nenhum lugar como nas grandes cidades inglesas tantas crianças são esmagadas por cavalos ou carroças, morrem por causa de quedas, se afogam ou se queimam (Engels, 2010, p. 147-148).

Como Engels esclarece, muitas das mortes, principalmente as infantis, da Era Vitoriana poderiam ter sido evitadas se não fosse a desvalorização da vida da classe proletária em prol da produção industrial em larga escala para benefício e lucro da classe burguesa.

Essas pobres crianças, que morrem de forma tão horrível, na verdade são vítimas de nossa desordem social e da classe proprietária interessada na manutenção dessa desordem e, paradoxalmente, não sabemos se essa morte dolorosa e terrível não constitui um benefício, que poupa a essas crianças uma vida de miséria e privação, rica em sofrimento e pobre em alegria. Eis o ponto a que chegamos na Inglaterra, onde a burguesia, que sabe todos os

dias pelos jornais o que está ocorrendo, mantém-se inteiramente despreocupada (Engels, 2010, p. 149).

## 2 Condições das crianças trabalhadoras na Era Vitoriana

As crianças, sendo mais frágeis e necessitando de cuidados mais específicos para auxiliar no seu crescimento, acabavam vivenciando ainda mais o desgaste da saúde. Ademais, esses jovens, ao adentrarem as fábricas em busca de trabalho, eram expostos a condições absurdas de serviço, uma vez que seus pequenos corpos podiam exercer funções que adultos não podiam, como entrar ou pôr-se debaixo de máquinas para consertá-las.

Crianças foram amplamente utilizadas como mão-de-obra em fábricas, minas e na agricultura durante a Revolução Industrial Britânica (1760-1840). Muitas vezes trabalhando nos mesmos turnos de 12 horas que os adultos, as crianças a partir dos cinco anos de idade recebiam um valor insignificante para passar por debaixo de perigosas máquinas de tecelagem, mover carvão através de poços estreitos em minas e trabalhar em equipes agrícolas<sup>2</sup> (Cartwright, 2023, tradução livre).

Dado o grande número de jovens que eram órfãos, ou filhos abandonados, ou simplesmente precisavam contribuir para o seu sustento,

A educação de muitas crianças foi substituída por um turno de trabalho, uma escolha muitas vezes feita pelos pais para complementar uma renda familiar limitada. Foi só na década de 1820 que os governos começaram a aprovar leis que restringiam o horário de trabalho e os empresários foram obrigados a fornecer condições de trabalho mais seguras para todos, homens, mulheres e crianças. Mesmo assim, a falta de fiscalização implicava ainda muitos abusos, situação notada e divulgada por instituições de caridade, filantropos e autores com consciência social como Charles Dickens (1812-1870)<sup>3</sup> (Cartwright, 2023, tradução livre).

Dickens foi um dos principais responsáveis

<sup>2</sup> Texto original: "Children were widely used as labour in factories, mines, and agriculture during the British Industrial Revolution (1760-1840). Very often working the same 12-hour shifts that adults did, children as young as five years old were paid a pittance to climb under dangerous weaving machines, move coal through narrow mine shafts, and work in agricultural gangs".

<sup>3</sup> Texto original: "The education of many children was replaced by a working day, a choice often made by parents to supplement a meagre family income. It was not until the 1820s that governments began to pass laws that restricted working hours and business owners were compelled to provide safer working conditions for everyone, men, women, and children. Even then a lack of inspectors meant many abuses still went on, a situation noted and publicised by charities, philanthropists, and authors with a social conscience like Charles Dickens (1812-1870)".

por divulgar, por meio da ficção, para boa parte da população de classe média, o que ocorria nos bastidores desses serviços prestados por menores de idade.

Para as crianças que conseguiam encontrar trabalho na Revolução Industrial, e havia empregadores fazendo fila para oferecê-lo, não existiam sindicatos para protegê-las. Para a grande maioria das crianças, a vida profissional começou numa idade precoce – em média aos 8 anos – mas, como ninguém se importava com a idade, isso poderia variar muito. Trabalhar envolvia, na melhor das hipóteses tédio, e na pior das hipóteses, uma série interminável de ameaças, multas, castigos físicos e demissão imediata em qualquer protesto contra esse tratamento<sup>4</sup> (Cartwright, 2023, tradução livre).

Expostas a todo tipo de violência pela simples tentativa de permanecerem vivas, essas crianças eram mantidas em condições de extrema fragilidade; eram levadas a tomar a decisão entre morrer de fome ou morrer trabalhando.

Em um inquérito realizado em 1833, descobriu-se que as táticas usadas com crianças trabalhadoras eram 95% negativas. A demissão instantânea representava 58%. Em apenas 4% dos casos foi concedida uma recompensa por bom trabalho, e apenas 1% das estratégias utilizadas envolviam promoção ou aumento salarial<sup>5</sup> (Cartwright, 2023, tradução livre).

É importante ressaltar que, no período analisado, ou seja, na primeira Revolução Industrial, muitas estratégias de produção ainda estavam sendo testadas e reelaboradas, uma vez que se provavam ineficientes ou extremamente perigosas para os trabalhadores. Entretanto, como foi explicado, muitas vezes, quem precisava se arriscar nesses serviços eram crianças pequenas.

Nas fábricas, as crianças trabalhavam, tal como os adultos à sua volta, em longos turnos de 12 horas, seis dias por semana. 12 horas dividiam

bem o dia em dois para os empregadores. Como as máquinas eram operadas 24 horas por dia, uma criança voltava para uma cama quente depois do trabalho, enquanto o ocupante saía para iniciar o seu próprio turno, uma prática conhecida como 'cama quente'. As crianças eram a mão-de-obra mais barata e os empregadores não se demoravam a utilizá-las. Uma criança trabalhadora era cerca de 80% mais barata que um homem e 50% mais barata que uma mulher. As crianças tinham a vantagem de ter dedos ágeis e corpos menores que podiam entrar em lugares e embaixo de máquinas que os adultos não podiam. Eles também poderiam ser intimidados e ameaçados pelos supervisores com muito mais facilidade do que um adulto, e não poderiam revidar<sup>6</sup> (Cartwright, 2023, tradução livre).

Segundo a reportagem escrita pela jornalista Alejandra Martins publicada no *site* do jornal *BBC News Brasil* no dia 1º de junho de 2023, a descoberta de 150 esqueletos de crianças

[...] revela a brutalidade do trabalho infantil na Revolução Industrial britânica. [...] O estudo foi possibilitado pela descoberta de mais de 150 esqueletos na pequena cidade de Fewston, no condado de North Yorkshire (norte da Inglaterra). Os restos foram encontrados durante a escavação de um terreno para construir um centro histórico ao lado de uma antiga igreja (Martins, 2023).

Os investigadores apontam um fato que os historiadores já relatavam: as questões de saúde desse grupo iam além dos problemas oriundos da fome e dos acidentes de trabalho.

Os autores do estudo destacam que existe uma mensagem urgente para o presente, já que se estima que existam atualmente 160 milhões de menores trabalhadores em todo o mundo. [...] Durante o exame dos esqueletos, os cientistas puderam constatar que a maioria era de crianças e adolescentes e que eles tinham sinais de diversas doenças. E, trabalhando em conjunto com historiadores, os pesquisadores conseguiram montar o quebra-cabeça do inferno que as crianças aprendizes viviam todos os dias (Martins, 2023).

<sup>4</sup> Texto original: "For those children who could find work in the Industrial Revolution, and there were employers queuing up to offer it, there were no trade unions to protect them. For the vast majority of children, working life started at an early age – on average at 8 years old – but as nobody really cared about age, this could vary wildly. Working involved at best tedium and at worst an endless round of threats, fines, corporal punishment, and instant dismissal at any protest to such treatment".

<sup>5</sup> Texto original: "In one survey taken in 1833, it was found that the tactics used with child labourers were 95% negative. Instant dismissal accounted for 58%. In only 4% of cases was a reward given for good work, and a mere 1% of the strategies used involved a promotion or pay rise".

<sup>6</sup> Texto original: "In the factories, children worked, just like the adults around them, long 12-hour shifts six days a week. 12 hours nicely split the day in two for employers. As the machines were operated 24 hours a day, one child would return to a warm bed after work as the occupant rolled out to start their own shift, a practice known as 'hot bedding'. Children were the cheapest labour to be found, and employers were not slow to use them. A child worker was about 80% cheaper than a man and 50% cheaper than a woman. Children had the advantage of having nimble fingers and smaller bodies that could get into places and under machinery that adults could not. They could also be bullied and threatened by supervisors much more easily than an adult, and they could not fight back".

Assim como o Pequeno Tim de *Um Conto de Natal* de Dickens,

Os esqueletos dos aprendizes revelam as condições brutais existentes nas fábricas. Os ossos dos menores estavam deformados, eram curtos em comparação com outras crianças daquela época e mostravam sinais de deficiência de vitaminas e doenças respiratórias (Martins, 2023).

### 3 Quem foi Charles Dickens?

Nascido em 1812, na Inglaterra, descendente de uma família de classe média, Charles Dickens não teve um crescimento tão simples quanto era de se esperar para um menino como ele. Segundo Collins (2024), o pai de Dickens realizava gastos exacerbados que não correspondiam ao seu ganho como oficial da marinha britânica, o que resultou na sua prisão. Com a prisão do pai, aos 12 anos, Dickens foi entregue a uma das infames casas de trabalho que existiam na região de Londres. Sem capacidade de sustentar o filho, a mãe de Dickens o entregou, uma vez que, bem ou mal, esses locais ofereciam alimentação e abrigo.

Esse momento na vida do romancista é sombrio mas também essencial para compreender a obra *Oliver Twist*, na qual o trabalho infantil é demonstrado como precário e devastador da inocência infantil, e demonstra a ineficiência das instituições em terminar ou amenizar tal situação, pelo contrário, são denunciados os estabelecimentos estatais que abrigam o trabalho infantil [...] (Gibson, 2019, p. 35).

Entretanto, algo que se tornou parte do conhecimento popular ao longo dos anos, especialmente graças às obras de Dickens, é o fato de que as crianças que viviam nas casas de trabalho eram extremamente maltratadas, precisando trabalhar em ambientes insalubres por inúmeras horas. Uma dessas crianças, todavia, veio a se tornar um dos escritores ingleses mais renomados do século XIX, e um dos mais lidos até a atualidade.

Em 1824 a família chegou ao fundo do poço. Charles, o filho mais velho, foi retirado da es-

cola e passou a trabalhar manualmente numa fábrica, e seu pai foi preso por dívidas. Esses choques afetaram profundamente Charles. Embora abominasse esta breve descida à classe trabalhadora, ele começou a adquirir aquele conhecimento simpático da sua vida e das privações que norteou os seus escritos. Além disso, as imagens da prisão e da criança perdida, oprimida ou desnorreada são recorrentes em muitos romances<sup>7</sup> (Collins, 2024, tradução livre).

Após a sua saída das casas de trabalho, Charles Dickens pôde escolarizar-se e começou a ter uma ascensão social.

Somente com 20 anos a vida de Dickens começou a se estabilizar, confiante em uma carreira promissora o autor tenta ingressar no teatro, não consegue mas dentro desse meio conquista contatos que o levarão para a produção jornalística. Já em 1836, com uma posição econômica mais confortável que a anterior, começa a produzir *Oliver Twist*. No período do século XIX era comum os livros não serem entregues completos, mas em partes de capítulos publicados periodicamente em jornais ou revistas. É o caso da obra analisada nesse trabalho, que teve seus 53 capítulos publicados mensalmente na revista *Bentley's Miscellany* de fevereiro de 1837 até abril de 1839 (Gibson, 2019, p. 36).

Tornando-se conhecido ao longo da história como "o homem que inventou o Natal", posto que publicou o que viria a ser considerada a primeira grande obra a tratar especificamente do tema, o autor nunca desviou do seu objetivo principal: relatar a desigualdade vivida na Era Vitoriana através da ficção. *David Copperfield* (1849-1950), *Grandes Expectativas* (1860-1861) e *Oliver Twist* (1937) são apenas alguns exemplos da clara tentativa do escritor de denunciar o abuso que a classe mais pobre da Grã-Bretanha sofria por parte da burguesia e da elite, além da violência física e psicológica que colocava principalmente as crianças em uma situação de extrema vulnerabilidade. "Mas, mais do que qualquer outro motivo literário, Dickens eternizaria em sua ficção as condições degradantes a que estavam sujeitos os trabalhadores nas cidades industriais emergentes [...]" (Silva; Pereira, 2011, p. 129).

<sup>7</sup> Texto original: "In 1824 the family reached bottom. Charles, the eldest son, had been withdrawn from school and was now set to manual work in a factory, and his father went to prison for debt. These shocks deeply affected Charles. Though abhorring this brief descent into the working class, he began to gain that sympathetic knowledge of its life and privations that informed his writings. Also, the images of the prison and of the lost, oppressed, or bewildered child recur in many novels".



A leitura e análise dos romances de Dickens partem da compreensão de que a história das mentalidades não pode ser feita sem estar estreitamente ligada à história dos sistemas culturais, dos sistemas de crenças, de valores, de equipamento intelectual, no seio dos quais as mentalidades são elaboradas, viveram e evoluíram. Trabalhamos aqui com a noção de que toda percepção é uma interpretação, visto que os fatos nunca são neutros vêm sempre impregnados por juízos de valor (Lopyola; Oliveira, 2021, p. 3).

#### 4 Análise de *Oliver Twist* e *Um Conto de Natal*

"*Oliver Twist* surgiu para o público, pela primeira vez, em 1837, nas páginas do *Bentley's Miscellany*. A publicação continuou com grande sucesso até 1839" (Lísias, 2002, p. 12). A obra conta a história amarga do protagonista que dá nome ao romance.

Dentre os vários monumentos públicos que enobrecem uma cidade de Inglaterra, cujo nome tenho a prudência de não dizer, e à qual não quero dar um nome imaginário, um existe comum à maior parte das cidades grandes ou pequenas: é o asilo da mendicidade. Lá em certo dia, cuja data não é necessário indicar, tanto mais que nenhuma importância tem, nasceu o pequeno mortal que dá nome a este livro (Dickens, 2002, p. 23).

O livro de Dickens foi concebido a partir de uma forma narrativa diferenciada. O narrador, através de um viés metaficcional, ao transmitir o relato da vida de *Oliver Twist*, faz autorreferência ao próprio livro, deixando claro que há consciência de que se trata de uma obra pensada e essa é uma história que está sendo contada. Entretanto, o mesmo narrador trata a criança como real e a narrativa como se pertencesse ao gênero biográfico, como se *Oliver Twist* tivesse existido e experienciado aquela triste realidade.

A obra *Oliver Twist* foi o primeiro romance na Inglaterra com um protagonista infantil, tendo como foco a trajetória de vida do pequeno *Oliver Twist*. Seu pano de fundo é a época vitoriana da Inglaterra com enfoque nos locais periféricos das cidades onde os pobres e os miseráveis circulam, mudando somente ao final do livro quando *Oliver*, ao descobrir que é o herdeiro de uma família pequeno burguesa conquista seus direitos como tal e vive confortavelmente com o amigo próximo de seu pai o sr. Brownlow (Gibson, 2019, p. 36).

tavelmente com o amigo próximo de seu pai o sr. Brownlow (Gibson, 2019, p. 36).

Entre a série de desventuras que o menino enfrenta, estão o trabalho desumano em casas de trabalho e a violência por parte dos adultos que deveriam se responsabilizar pelos seus cuidados, além da fome e das doenças tipicamente sofridas por jovens de classe baixa na Inglaterra daquele tempo. Após a expulsão, *Oliver* tenta a sorte na vida do crime após se encontrar com o famoso personagem *Artful Dodger*, um jovem órfão que, assim como *Oliver*, só está tentando sobreviver a uma realidade que parece não desejar mantê-lo vivo, muito menos saudável ou feliz.

Dessa forma, o pequeno *Oliver*, cujo destino é o motor do romance, vê-se o tempo inteiro confrontado com fatos que lhe aconteceram em um passado próximo e que terão importância fundamental para o seu futuro. O mistério, que sempre deixa o leitor ávido pelo próximo capítulo, está justamente no desvendamento das origens de *Oliver*. Como tal revelação é crucial para seu destino, está engatilhado o desenrolar da trama: o tempo presente serve para esclarecer o passado que será determinante para o futuro. Não há como deixar passar um capítulo, portanto (Lísias, 2002, p. 12).

Os principais personagens que auxiliam no entendimento das mazelas sofridas pelos coadjuvantes são *Dodger* e *Fagin*. *Dodger* é o personagem que funciona como o clássico contraponto: da mesma forma que a alegria só é plenamente compreendida quando colocada justaposta à tristeza, *Oliver Twist* só pode ser integralmente assimilado quando *Dodger* entra em cena. *Jack Dawkins*, conhecido popularmente dentro e fora do universo de Dickens como *Artful Dodger*, ou seja, "trapaceiro astuto" em uma tradução livre, é um órfão vítima da miséria inglesa do século XIX.

A antagonista característica de *Dodger* corresponde ao pequeno prazer que o jovem menino sente em cometer os delitos que comete. Enquanto *Oliver* carrega sobre si o peso da culpa correspondente a todos os seus atos que podem ser vistos como errôneos, *Dodger*, habilidoso como é, enxerga em si mesmo o potencial de ter uma vida um pouco menos sofrida. Além disso, como foi ensinado por *Fagin*, *Dodger* faria o que

fosse necessário para sobreviver nesse mundo que luta contra a sua existência, até mesmo trair os seus amigos.

Logo, também é apresentado Fagin, o adulto mentor de Dodger e Oliver no mundo do crime. Fagin é uma figura controversa no romance inglês, uma vez que deveria ser ele o adulto responsável e protetor das crianças – mas, como foi apontado anteriormente, as pessoas não possuíam esse caráter protetor e carinhoso perante a infância. Fagin considerava Oliver, Dodger e as outras crianças um meio para um fim. Uma das principais lições, não necessariamente moralistas, levantadas pelo autor diz respeito exatamente a essa situação: até onde uma pessoa iria para garantir a sua própria sobrevivência em um mundo cruel?

Importante aqui ressaltar que a fome para Charles Dickens é representada como um monstro, principalmente para as crianças. Sempre assolando os pobres essa em si é uma maldade completa, que compele as crianças a desafiar as regras do asilo pedindo mais mingau; que quase obriga Oliver a entrar no mundo do crime; que faz com que matreiro tenha que trabalhar para Fagin. A fome não tem representação nos personagens porque é culpa da sociedade em geral, assim, a doença da inanição é também uma das principais vilãs da obra, pela qual o protagonista trava embates ao longo do enredo (Gibson, 2019, p. 46).

É importante ressaltar que o período histórico no qual o autor escreveu *Oliver Twist* influencia o resultado da obra, bem como a sua recepção e os efeitos que o Dickens pretendia provocar nos seus leitores.

Dickens começou a escrever *Oliver Twist* após a adoção da Lei dos Pobres de 1834, que suspendia os pagamentos do governo aos pobres fisicamente aptos, a menos que eles entrassem em asilos. Assim, *Oliver Twist* tornou-se um veículo de crítica social dirigida diretamente ao problema da pobreza na Londres do século XIX<sup>8</sup> (Lohnes, 2024, tradução livre).

A "Lei dos Pobres" ou

*Poor Law*, na história britânica, foi um conjunto de leis que se compromete a fornecer ajuda aos pobres, desenvolvido na Inglaterra do século XVI e mantido, com várias mudanças, até depois da Segunda Guerra Mundial. As Leis dos Pobres Elisabetanas, conforme codificadas em 1597-98, eram administradas por superintendentes paroquiais, que forneciam assistência aos idosos, doentes e crianças pobres, bem como trabalho para os saudáveis em asilos<sup>9</sup> (Britannica, 2024c, tradução livre).

Com o intuito de denunciar a barbárie por trás do capitalismo selvagem inglês e suas consequências, Dickens sustentou seu trabalho a partir de protagonistas que instigavam essas discussões, por mais desconfortáveis que pudessem ser.

O ser humano, desse modo, passa a ser um verdadeiro componente – materializado – da engrenagem da mecânica universal, ao contrário do homem romântico, excessivamente autocentrado e autossuficiente. A arte, portanto, torna-se engajada, contendo nítidos apelos sociais, e antiburguesa, retratando a dissolução moral da burguesia, por meio de casos patológicos. É exatamente nesse contexto da literatura realista, sobretudo no que ela mais apresenta de antiburguesa, de denúncia social e de engajamento ideológico, que se insere a produção ficcional de Charles Dickens (Silva; Pereira, 2011, p. 130).

À letra da lei desde o final do século XVI, existia um conjunto de normas feitas para proteger crianças, idosos e doentes de baixa renda que precisassem de abrigo, alimento ou algum tipo de auxílio à saúde, além de para garantir trabalhos a esses indivíduos. Entretanto, é através de ficções como as de Dickens e investigações realizadas posteriormente por pesquisadores que apresenta-se revelada a verdadeira condição em que essas pessoas que buscavam ajuda eram tratadas. Segundo as pesquisadoras Cristina Maria Douat Lopyola e Rosane Mara Pontes de Oliveira,

O marco temporal, para organizar o nosso pensamento socio-historicamente, é a promulgação da *New Poor Law* (ocorrido, em 1834, mas que significava a revogação da *Poor Law*, promulgada em 1601), uma vitória absoluta do pensamento liberal inglês, que junto as

<sup>8</sup> Texto original: "Dickens began writing *Oliver Twist* after the adoption of the *Poor Law* of 1834, which halted government payments to the able-bodied poor unless they entered workhouses. Thus, *Oliver Twist* became a vehicle for social criticism aimed directly at the problem of poverty in 19th-century London".

<sup>9</sup> Texto original: "*Poor Law*, in British history, body of laws undertaking to provide relief for the poor, developed in 16th-century England and maintained, with various changes, until after World War II. The Elizabethan *Poor Laws*, as codified in 1597-98, were administered through parish overseers, who provided relief for the aged, sick, and infant poor, as well as work for the able-bodied in workhouses".



*work houses*, estabelecerá, inequivocamente, duas coisas:

1) a questão da pobreza (ou o pauperismo, criado pela revolução industrial), não é mais do domínio das relações econômicas e não é mais um problema do Estado, o qual não continuará a suplementar os salários (conforme estava previsto na *Poor Law* de 1860);

2) a pobreza passa a pertencer às relações de domínio sobre a doença, como um fenômeno natural, agora no campo do saber médico, devendo, portanto, habitar os asilos ou as *work houses* (as chamadas prisões sem crime), estabelecendo a pobreza como crime (2021, p. 2).

"*Oliver Twist* confronta, assim, a impotência da criança com a crueldade de uma sociedade que não tem mais leis para protegê-la, obrigando-a a trabalhar em condições subumanas" (Silva; Pereira, 2011, p. 134).

Muito tempo depois de ter o cirurgião dos pobres da paróquia introduzido o pequeno Oliver neste vale de lágrimas, ainda se duvidava se a pobre criança viveria ou não; se sucumbisse, é mais que provável que estas memórias nunca aparecessem, ou então ocupariam poucas páginas, e deste modo teriam o inapreciável mérito de ser o modelo de biografia mais curioso e exato que nenhum país em nenhuma época jamais produziu (Dickens, 2002, p. 23).

Como foi apresentado na segunda seção deste artigo, a taxa de mortalidade infantil na Inglaterra no período da Revolução Industrial era altíssima, não somente graças às circunstâncias previstas para a época e às péssimas condições de saneamento básico, mas também dada a questão do forte descaso com as crianças mais pobres, em especial os órfãos.

A razão é esta. Houve imensa dificuldade em fazer com que Oliver desempenhasse as funções respiratórias, exercício fatigante, mas necessário à nossa existência. Durante algum tempo ficou o pequerrucho deitado no colchão de lã grosseira, fazendo esforços para respirar, oscilando entre a vida e a morte e inclinando-se mais para esta. Se durante esse tempo Oliver estivesse rodeado de avós solicitados, tias assustadas, amas experientes e médicos profundamente sábios, morreria infalivelmente. Mas como não havia ninguém, exceto uma pobre velha que havia bebido um trago demais e um médico pago por ano para esse trabalho, Oliver e a natureza ficaram sozinhos em face um do outro (Dickens, 2002, p. 23).

Quando Dickens inicia o seu relato a respeito

da infeliz trajetória do pequeno e mirrado menino *Twist*, ele deixa claro, desde o princípio, que esse não será um relato feliz: "Ainda que eu não esteja disposto a sustentar que seja extraordinário favor da fortuna nascer a gente num asilo de mendigos, posso afirmar que, nas circunstâncias atuais, era o melhor que podia acontecer a *Oliver Twist*" (Dickens, 2002, p. 23).

O personagem é apresentado como uma criatura frágil e forte ao mesmo tempo, um sobrevivente em meio a terríveis circunstâncias. A problemática da subnutrição e da fome é exposta, entretanto como uma causalidade associada à indiferença dos responsáveis para com os órfãos. Além disso, essa negligência se estende para "acidentes" ingratos, que simplesmente encerravam aquela frágil existência e "solucionavam um problema".

No que respeita à velha, a cujo cuidado Oliver foi confiado, esse resultado era quase sempre a consequência natural do seu sistema. Justamente na ocasião em que uma criança conseguia existir com uma escassíssima porção de alimento, acontecia, oito vezes em dez casos, que a infame criança tinha a maldade de cair doente de frio e de fome ou deixar-se cair no fogo por descuido; então partia a desgraçada criaturinha para o outro mundo, onde ia encontrar os pais que não conhecera neste. Fazia-se às vezes uma devassa do caso mais interessante que de costume, a respeito de uma criança abafada debaixo de um colchão ou achada numa bacia de água a ferver em dia de varela, posto que este último acidente fosse raro, porque na casa da velha quase nunca se lavava roupa (Dickens, 2002, p. 28).

Dickens não se prende à descrição de detalhes visuais, especialmente no que diz respeito à aparência dos personagens; apenas algumas características marcantes e essenciais para a compreensão da narrativa são de fato explicitadas. Entre elas está o (pequeno) tamanho de *Oliver Twist*, decorrente do seu mal desenvolvimento físico devido à sua saúde delicada: "Tal sistema de educação não daria às crianças muita força nem grossas banhas. No dia em que completou nove anos, *Oliver Twist* era um pirralho, amarelo como um defunto e singularmente magro" (Dickens, 2002, p. 28).

Para não abrir nenhum tipo de margem ao

questionamento dos leitores defensores da estrutura social da época que poderiam argumentar que as crianças também não se opuseram a nada do que sofriam, Dickens esclarece que a resposta a qualquer reclamação seria feita através da violência: "Fosse como fosse, completava ele nove anos e estava nesse dia no depósito de carvão com dois companheiros, que receberam com ele uma dose de bofetões e foram metidos no dito depósito, por terem tido a audácia de dizer que estavam com fome" (Dickens, 2002, p. 28).

A Nova Lei dos Pobres considerava o auxílio financeiro aos pobres, tão pernicioso quanto os sindicatos e os regulamentos fabris. As work houses eram chamadas de "prisão sem crime" e, assim, se configuravam, com muros altos, disciplina carcerária, separação dos membros de uma mesma família, trabalho pesado para os homens, refeições magras e em silêncio, e proibição de fumar. Nada que pudesse tornar o ócio atrativo (porque esta era uma crítica à antiga Poor Law, que estava embutida no ato de sua revogação). A New Poor Law divide definitivamente, os pobres no trabalho, que estariam dentro da sociedade, mas fora da política, e os pobres fora do trabalho, que não estariam dentro de nada, a não ser no resíduo de sua própria miséria.

A orfandade, que é uma situação inicialmente familiar, se consolidará em uma condição de vida, na medida em que o órfão é visto pelos membros da sociedade com uma mistura de desprezo e de repulsa (Lopyola; Oliveira, 2021, p. 6).

Graças a sua reclamação a respeito da fome que sentia sem parar, Oliver é retirado da casa de trabalho na qual servia e realocado para trabalhar como um empregado doméstico em forma de aprendiz, em troca de abrigo e alimento. Nota-se que as temáticas do desalojamento e da desnutrição seguem o menino durante toda a sua jornada.

Não era isto consolador para a criança; mas, apesar da sua tenra idade, tinha ele já bastante sagacidade, para fingir um grande pesar de se ir embora; não lhe era difícil derramar lágrimas; fome e pancada fresca são muito úteis quando a gente precisa chorar; Oliver chorou naturalmente (Dickens, 2002, p. 31).

Por mais remotas que fossem as suas chances, Oliver pensava que, talvez, por intermédio do destino, pudesse encontrar uma moraria melhor na casa do fabricante de caixões. Todavia,

a sorte, que nunca esteve a seu favor, continuou a levá-lo às piores experiências. Ao expressar seu descontentamento com as ofensas ditas a respeito de sua falecida mãe, o menino sofre com seu primeiro castigo físico na casa:

O fabricante de caixões de defunto tinha alguma estima ao pequeno, mas era impossível deixar de o castigar. O castigo foi tal que a Sra. Sowerberry ficou satisfeita e a bengala paroquial do Sr. Bumble não entrou em serviço. Oliver foi metido no quarto que ficava por trás da cozinha; de noite, abriram-lhe a porta e, no meio de descomposturas a ele e a mãe, saiu o pobre Oliver para a cama debaixo do balcão. Oliver entrou a refletir. Ouvira os sarcasmos e as injúrias com desdém; sofrera a pancada sem um grito; já se ia desenvolvendo nele um sentimento de orgulho. Mas agora que ninguém o via, ajoelhou-se e derramou amargas lágrimas (Dickens, 2002, p. 62).

A resiliência do protagonista perante o infortúnio é um diferencial trazido por Charles Dickens, que apresenta um personagem que segue buscando uma vida melhor sem perder a sua pureza mediante o mundo. Após apanhar do seu patrão, o menino foge, pois teme que as consequências dos seus atos possam ser ainda piores que uma surra e um orgulho ferido.

Nesse dia andou 20 milhas sem comer outra coisa além do pedaço de pão e alguns copos d'água que pediu à porta das cabanas. De noite, entrou em um campo, deitou-se ao pé de um moinho, resolvido a esperar ali o dia. Ao princípio teve medo, ouvindo o assobiar do vento; sentia frio e fome; mais que nunca estava desamparado; contudo o cansaço fê-lo dormir e ele esqueceu tudo (Dickens, 2002, p. 66).

Oliver caminha então até Londres, buscando fugir da sua realidade miserável e sem perspectiva.

De manhã, ao levantar-se, sentiu as juntas presas por causa do frio, e tinha tanta fome que comprou um pouco de pão com o penny, na primeira aldeia que atravessou. Quando chegou a noite tinha andado 12 milhas; estava com os pés inchados e as pernas tão fracas que tremiam; a segunda noite que passou ao relento quebrou-lhe totalmente as forças (Dickens, 2002, p. 66).

É nesse momento que o pequeno e faminto órfão se depara com Artful Dodger e seu trabalho ilegal inicia, desencadeando todos os outros

terríveis acontecimentos da narrativa, mais uma vez devido a imprudências de um adulto, nesse caso Fagin, chefe de Dodger e líder do bando de órfãos ladrões desesperados.

Charles Dickens buscou ainda, por meio de seus personagens propositadamente tipificados, um diálogo com o mundo que, de certa forma, os coloca como estereótipos de uma sociedade que já implantou, através dos valores criados pela era industrial, a ideia de que as novas posições sociais já estão se definindo e que alguns permanecerão à margem, destituindo o caráter de verdade sobre a certeza de um futuro "melhor", sustentado pelos avanços dessa nova era (Silva; Pereira, 2011, p. 131).

Já *Um Conto de Natal* (1843) narra a história de Ebenezer Scrooge, um homem mesquinho de idade avançada que, após a morte do seu parceiro de trabalho de longa data, durante a véspera de Natal, recebe a visita de três fantasmas: o Fantasma do Natal Passado, o Fantasma do Natal Presente e o Fantasma do Natal Futuro. Com isso, os fantasmas mostram o que levou Ebenezer a se tornar o homem que ele é, tratando mal seu funcionário leal, desprezando seu sobrinho e estando completamente sozinho no mundo, e o que ele viria a ser, um homem abandonado para morrer sem amor.

Como resultado mais palpável dessa nova realidade, o ser humano passou – nos termos do materialismo histórico – à condição de mero instrumento de manipulação capitalista, por meio do qual a mais-valia se transformou no principal mecanismo de obtenção de lucro pelos detentores dos meios de produção. Nesse contexto, conceitos como os de sentimento e humanitarismo perdem cada vez mais espaço, ficando, muitas vezes, reduzidos aos limites do registro literário (Silva; Pereira, 2011, p. 124).

Essa narrativa de Dickens, marcada como o primeiro "livro de Natal", é iniciada com um prefácio escrito pelo próprio autor indicando o tom da obra:

Busquei, com este livrinho Espirituoso, suscitar o Espírito de uma Ideia que não inspire amargura em meus leitores, para consigo mesmos, nem com os outros, nem com a estação, nem comigo, Que ele torne suas casas agradavelmente assombradas, e que ninguém deseje derrubá-las.

Seu fiel amigo e criado, C. D. (Dickens, 2019, p. 15).

Assim como ocorre na narração de *Oliver Twist*, *Um Conto de Natal* é narrado em primeira pessoa, mesmo não se tratando de um narrador personagem que ativamente participa do enredo. A história é contada em relato, como se alguém, uma terceira pessoa, houvesse observado todos os acontecimentos e (agora) estivesse repassando as informações, trazendo mais uma vez um caráter metaficcional e ao mesmo tempo tentando manter certa verossimilhança.

Logo nas primeiras páginas, o autor, através do narrador, começa a ilustrar a terrível imagem que Ebenezer Scrooge representa na sua própria vida.

Nossa! Mas que mão-fechada tinha esse Scrooge! Que unha de fome, mão de vaca, avarento, muquirana, miserável, olho-grande era o velho pecador! Duro e bruto feito pederneira, da qual aço algum jamais forneceria uma chama generosa, resguardado e isolado, e solitário feito uma ostra. O frio dentro dele lhe congelava as rugas, mordida seu nariz pontiagudo, murchava suas bochechas, enrijecia seu passo; deixava seus olhos vermelhos e seus lábios azuis, e falava claramente em sua voz rascante (Dickens, 2019, p. 20).

Ranzinza e antissocial, o empreendedor trata de forma áspera e antipática todos aqueles que têm a infelicidade de passar pelo seu caminho, especialmente Bob Cratchit, seu funcionário de longa data: " – Esse é outro – resmungou Scrooge, que o escutou. – Meu funcionário, com quinze xelins por semana, e esposa e família, fala de feliz Natal. Vou acabar no hospício" (Dickens, 2019, p. 32).

Durante a véspera de Natal, data-chave para todos os desdobramentos explorados pelo autor, Scrooge recebe a visita indesejada de dois cavaleiros que buscam doações para os cidadãos de Londres com menor poder monetário. Apesar da simpatia e boa vontade dos homens, ambos são tratados de modo cruel pelo idoso, que mostra de forma muito elucidativa o que ele, um senhor rico, pensa das pessoas mais pobres.

– Nessa época festiva do ano, sr. Scrooge – disse o cavaleiro, pegando uma pena –, é mais desejável do que o habitual oferecermos alguma pequena provisão aos Pobres e destituídos, que sofrem muito nos tempos atuais. Muitos milhares carecem de necessidades

básicas, centenas de milhares carecem de contornos básicos, senhor.

- Não existem prisões? – perguntou Scrooge.
- Muitas prisões – disse o cavalheiro, voltando a abaixar a pena.
- E os asilos de indigentes da União? – indagou Scrooge.
- Ainda estão em funcionamento?
- Estão. Contudo – respondeu o cavalheiro –, eu gostaria de poder dizer que não estavam.
- O Moinho da Roda e a Lei dos Pobres ainda vigoram plenamente, então? – perguntou Scrooge.
- E muito ativos, senhor.
- Ah! Pelo que você me relatou inicialmente, recei que algo tivesse acontecido para lhes impedir o curso útil – disse Scrooge. – Fico muito satisfeito em saber disso (Dickens, 2019, p. 33-35).

Segundo Scrooge, portanto, o local mais apropriado para pessoas que passam por necessidades seriam os asilos, ou as casas de trabalho, o mesmo ambiente em que *Oliver Twist* foi criado e em que Dickens precisou morar e trabalhar com apenas 12 anos de idade. Como elucidado anteriormente, até mesmo por Dickens em *Oliver Twist*, muitas vezes era preferível vir a falecer do que se encontrar sobrevivendo nesses ambientes. Isso é reiterado pelo autor em *Um Conto de Natal* através dos cavalheiros:

- Desejo ser deixado em paz – disse Scrooge.
- Como vocês me perguntaram o que eu desejo, cavalheiros, essa é minha resposta. Não me entrego a felicidades no Natal e não tenho condições de dar felicidades a gente ociosa. Ajudo a manter estabelecimentos que mencionei... já custam bastante; e as pessoas que estão em condições ruins devem ir para eles.
- Muitos não podem ir, e muitos prefeririam a morte.
- Se eles preferem a morte – disse Scrooge –, é melhor irem logo e diminuírem o excedente populacional (Dickens, 2019, p. 36-37).

Após o longo dia de desentendimentos, grosserias preconceituosas e maldosas proclamadas por ele, Ebenezer recebe, ao anoitecer, a visita do seu primeiro fantasma, o Fantasma do Natal

Passado, que apresenta a ele todo o potencial de alegria, amor e ganhos que a sua existência poderia ter recebido e gerado. Em seguida, chega o Fantasma do Natal Presente, que, entre outras coisas, leva o protagonista para ver como é de fato a vida de Bob na intimidade de sua casa.

Não havia nada de especial nisso. A família não era elegante, não era bem vestida, os sapatos não tinham nada de impermeável, as roupas eram insuficientes e Peter talvez tivesse experiência, era muito provável, com casas de penhor. Mas eles eram felizes, gratos, contentes uns com os outros e satisfeitos com o momento. Eles começaram a desaparecer, e pareciam mais felizes ainda com a aspersão luminosa da tocha do Espírito na despedida, e Scrooge os observou até o fim, especialmente Pequeno Tim (Dickens, 2019, p. 168-169).

Apesar da pobreza, Scrooge nota a felicidade da família, e isso o deixa intrigado. Entretanto, é o caçula da família que rouba a sua atenção. O Pequeno Tim, como era chamado o menino, usava uma muleta e tinha enorme dificuldade para andar. "Infelizmente, Pequeno Tim trazia uma pequena muleta e seus membros eram sustentados por uma estrutura de ferro!" (Dickens, 2019, p. 154). Seu aspecto físico era adoentado, lembrando a imagem de *Oliver Twist*, como se não tivesse crescido de maneira apropriada.

Essa falta de luz solar natural e de fontes nutricionais de vitamina D poderia levar ao raquitismo, que afetava 60% das crianças das famílias da classe trabalhadora de Londres naquela altura, e parece lógico que Pequeno Tim possa ter sofrido com isso. [...] O ambiente de Londres naquela época não era propício à boa saúde de ninguém, muito menos dos filhos de pais trabalhadores, mas com dificuldades financeiras. Os céus estavam escuros e carregados de poluição proveniente da queima de carvão durante a Revolução Industrial, bloqueando grande parte da luz ultravioleta do sol, que é crítica para a síntese da vitamina D. Muitas pessoas, incluindo crianças, trabalhavam 10 horas por dia, chegando e saindo no escuro<sup>10</sup> (Lake, 2023).

Não seria equivocado afirmar que grande parte dos problemas de saúde sofridos tanto por Oliver

<sup>10</sup> Texto original: "That lack of natural sunlight and nutritional sources of vitamin D could lead to rickets, which affected 60% of children in working-class London families at that time, and it seems logical that Tiny Tim might have suffered from it. The environment of London at that time was not conducive to good health for anyone, much less the child of hardworking, but financially stretched, parents. The skies were dark and heavy with pollution from burning coal during the Industrial Revolution, blocking out much of the sun's ultraviolet light that is critical for vitamin D synthesis. Many people, including children, worked 10-hour days, arriving and leaving in the dark".

Twist quanto pelo Pequeno Tim estão diretamente associados às suas questões financeiras.

Com os estudos biológicos e médicos sobre a análise das doenças e pelo que elas são causadas pode-se traçar um paralelo clínico de saúde pública que afirma que quanto maior a higiene, a qualidade de vida e a alimentação de uma população, menores os riscos de contração de doenças epidêmicas bacteriológicas e virais. Infelizmente as cidades da Era Vitoriana eram o completo oposto disso, a maioria delas dependiam de um rio para se livrarem dos dejetos, a população era pobre e numerosa devido aos cercamentos e a formação da classe trabalhadora inglesa e a alimentação era escassa (Gibson, 2019, p. 43).

Scrooge, impressionado com a pureza do menino apesar das suas condições desfavoráveis à alegria, questiona o fantasma sobre as suas possibilidades de futuro:

– Espírito – disse Scrooge, com um interesse que ele nunca havia sentido antes –, fale se o Pequeno Tim vai sobreviver.

– Estou vendo um espaço vazio – respondeu o fantasma – no cantinho da chaminé e uma muleta sem dono, preservada cuidadosamente. Se essas sombras não forem alteradas pelo Futuro, o menino morrerá.

– Não, não – disse Scrooge. – Ah, não, bom Espírito! Diga que ele será poupado.

– Se essas sombras não forem alteradas pelo Futuro, ninguém mais da minha raça – respondeu o Fantasma – o encontrará aqui. E aí? Se ele há de morrer, é melhor ir logo e diminuir o excedente populacional.

Scrooge baixou a cabeça ao ouvir suas próprias palavras repetidas pelo Espírito e foi tomado de penitência e dor (Dickens, 2019, p. 163-164).

As frias palavras de Ebenezer então retornam nesse ponto da obra para indicar como a questão individualista do personagem para com os pobres toma outra forma quando a problemática cai sobre alguém com quem ele de fato se importa. Em seguida, com a chegada do terceiro e último fantasma, o Fantasma do Natal Futuro, o protagonista precisa encarar algo que, para ele, chega a ser pior do que a possibilidade de falecer triste e sozinho: a morte do Pequeno Tim.

Ao acordar no dia de Natal, Scrooge resolve transformar a sua existência até então miserável em uma possibilidade produtiva e benéfica para toda a sociedade à sua volta. Chegando no traba-

lho no dia seguinte, ele transforma a vida de Bob como um presente de Natal há muito aguardado.

Porém, na manhã seguinte ele chegou cedo ao escritório. Ah, como chegou cedo! Ele queria chegar lá primeiro e flagrar um atraso de Bob Cratchit! Era isso que tinha em mente.

[...]

– Olá! – grunhiu Scrooge, esforçando-se ao máximo para fingir aquele tom habitual. – Que história é essa de você chegar aqui a esta hora do dia?

– Sinto muito, senhor – disse Bob. – Estou mesmo atrasado.

– Está? – repetiu Scrooge. – É. Acho que está. Venha cá, senhor, por gentileza.

– É só uma vez no ano, senhor – suplicou Bob, saindo da cela. – Não vai acontecer de novo. Ontem celebramos bastante, senhor.

– Ora, vou lhe dizer o seguinte, meu amigo – respondeu Scrooge –, não vou mais tolerar esse tipo de coisa. E portanto – continuou ele, saltando do banco e dando uma cutucada tão forte do colete de Bob que o fez tropeçar para trás até a cela –, e portanto vou aumentar o seu salário!

Bob tremeu e se aproximou um pouco da régua. Ele pensou por um instante em usá-la para derrubar Scrooge, segurá-lo e gritar para que alguém na praça o ajudasse e trouxesse uma camisa de força.

– Feliz Natal, Bob! Disse Scrooge, com inequívoca seriedade, ao lhe dar um tapa nas costas. – Um Natal mais feliz, Bob, meu caro, do que o que lhe dei por tantos anos! Vou aumentar seu salário, e tratarei de ajudar com as dificuldades de sua família. Hoje mesmo discutiremos seus assuntos enquanto tomamos uma taça de vinho quente, Bob! (Dickens, 2019, p. 260-262).

Dickens encerra, então, a narrativa de forma esperançosa: mostrando que é possível uma transformação de pensamento através do desenvolvimento da empatia pelos grupos sociais que vivem realidades diferentes e sofrem mais com a falta de recursos em um ambiente que pensa em como explorar a mão de obra barata da forma mais cruel possível, recaindo sobre a qualidade de vida de muitas crianças:

Scrooge mais que cumpriu sua palavra. Ele fez tudo e infinitamente mais. E para Pequeno Tim, que *não* morreu, ele foi um segundo pai. Tornou-se um amigo melhor, um patrão melhor, um homem melhor do que qualquer outro já tinha visto na boa e velha cidade, povoado ou distrito do bom e velho mundo. Houve quem desse risada ao ver a transformação dele, mas ele deixou rirem e não lhes deu confiança, pois

era sábio o bastante para entender que não havia nada de bom no planeta que, ao acontecer, não despertasse gargalhadas de algumas pessoas. E, ciente de que essas pessoas eram mesmo cegas, ele pensava que era até melhor que seus olhos se apertassem com as risadas, pois assim a mazela podia assumir formas mais agradáveis. Seu próprio coração ria, e isso já lhe bastava (Dickens, 2019, p. 263-264).

"Apesar de sua transformação no final da história, o personagem é lembrado como o avarento amargurado e não como o pecador reformado, e 'Scrooge' entrou para a língua inglesa como sinônimo de avarento"<sup>11</sup> (Britannica, 2024b, tradução livre).

As obras de Dickens, *Oliver Twist* e *Um Conto de Natal*, carregam como conclusão de seus enredos não uma lição de moral como as antigas fábulas e os contos maravilhosos dos povos antigos, mas, sim, uma mensagem que pede pela mudança do comportamento adulto em relação às crianças vulneráveis que dependem deles. Enquanto o destino de Oliver muda através da bondade do Senhor Brownlow, que decide proteger e posteriormente adotar o menino, a vida do Pequeno Tim é prolongada graças a mudança de pensamento sofrida por Scrooge.

No romance por diversos momentos o retrato de uma sociedade degenerada e de uma alternativa, como a casa do senhor Brownlow serão descritas de formas diferentes para afirmar que tipo de sociedade será fomentada pelo autor, tanto nos aspectos do que não buscar e do que almejar. O mesmo pode-se aplicar aos personagens, principalmente quando esses possuem qualidades negativas como será demonstrada na relação entre o que o autor descreve como miséria e doenças variadas que acometem os personagens, representando não somente um quadro de como o autor via essas regiões periféricas mas também do imaginário das doenças que também faziam parte desse (Gibson, 2019, p. 41).

A suscetibilidade infantil, como foi explicado anteriormente, só passou a ser contemplada como uma verdade inquestionável e digna de atenção tardiamente. Não é possível afirmar que as denúncias de Dickens foram as únicas responsáveis pela culpabilização das pessoas que

agrediam ou exploravam crianças e pelas leis que garantiram a ilegalidade desses atos; entretanto, a arte acusatória do autor ajudou a abrir os olhos e a mente da população, o que é o primeiro passo para uma transformação social efetiva, mesmo que não seja completamente eficaz.

### Considerações finais

Este trabalho teve por principal objetivo explorar como as questões trabalhadas pelo autor britânico Charles Dickens, cuja visão era criticar e discutir problemáticas do seu tempo, seguem atuais, bem como a necessidade de versar sobre elas. Crianças seguem falecendo ou beirando a morte até os dias atuais graças à falta de proteção dos indivíduos adultos para com esses vulneráveis.

A exploração da força de trabalho infantil não foi encerrada com a Lei dos Pobres na Inglaterra, tampouco com as leis contemporâneas de proteção à infância. Além de denúncias feitas através de reportagens e textos teóricos de filosofia política, como os de Friedrich Engels, é necessário perceber que artigos de arte, sejam livros, filmes ou músicas, funcionam como democratizadores de informações, de modo que muitas vezes suas denúncias atingem um público ainda maior e por muito mais tempo.

Não é por acaso que Charles Dickens é considerado até os dias atuais como um dos maiores romancistas ingleses. Tendo escrito mais de 20 obras se tornou um fenômeno em sua época, sendo um dos autores mais vendidos em todo o território do Reino Unido. Utilizou de seu conhecimento empírico sobre pobreza e miséria para retratar uma Londres ignorada em diversos aspectos, tornou-se até certo ponto uma voz dos oprimidos que a alta sociedade vitoriana insistia em ignorar (Gibson, 2019, p. 48-49).

Dickens segue sendo um dos autores mais populares no mundo, inspirando inúmeras adaptações de suas obras, além de investigações a respeito dos temas abordados pelo escritor em seus romances e contos. "A história daqueles que apareceram neste relato está quase toda

<sup>11</sup> Texto original: "Despite his transformation at the end of the story, the character is remembered as the embittered miser and not as the reformed sinner, and "Scrooge" has entered the English language as a synonym for a miser".



contada. O que resta ao narrador pode ser dito em poucas palavras" (Dickens, 2002, p. 370). É necessário seguir de olhos abertos e atentos aos Olivers e Pequenos Tims do mundo, eles continuam por aí.

Todo esse interesse imenso nas obras pode não somente demonstrar o impacto que Dickens teve no imaginário da revolução industrial tida como populações enormes de miseráveis, doentes, pobres, sujos, infestada de delinquentes e excluídos socialmente que é construído hoje, como também suas denúncias a um mundo injusto traduzidas a uma simpatia de injustiças no mundo contemporâneo (Gibson, 2019, p. 49).

## Referências

BRITANNICA. *A Christmas Carol*. London, c. 1597 - c. 1945. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Poor-Law>. Acesso em: 27 abr. 2024a.

BRITANNICA. *Ebenezer Scrooge*. London, c. 1597 - c. 1945. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Poor-Law>. Acesso em: 27 abr. 2024b.

BRITANNICA. *Poor Law*. London, c. 1597 - c. 1945. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Poor-Law>. Acesso em: 27 abr. 2024c.

CARTWRIGHT, Mark. Child Labour in the British Industrial Revolution. *World History Encyclopedia*. Godalming, 12 abr. 2023. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/article/2216/child-labour-in-the-british-industrial-revolution/>. Acesso em: 29 abr. 2024.

COLLINS, Philip. Charles Dickens. *Britannica*, London, 27 abr. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Charles-Dickens-British-novelist#ref58993>. Acesso em: 27 abr. 2024.

COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário*. São Paulo: Global, 2003.

DICKENS, Charles. *Oliver Twist*. Tradução de Machado de Assis e Ricardo Lísias. São Paulo: Hedra, 2002.

DICKENS, Charles. *Um Conto de Natal*. Tradução de Leonardo Alves. Rio de Janeiro: Antofágica, 2019.

ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Tradução de B. A. Schumann. São Paulo: Boitempo, 2010.

GIBSON, Walter. Doentes e imundos: a representação da miséria a partir de doenças na Inglaterra da Revolução Industrial em *Oliver Twist*, de Charles Dickens. *Cadernos de Clio*, Curitiba, v. 10, n. 1, 2019.

LAKE, Deborah Mann. Tiny Tim of 'A Christmas Carol' might have suffered from rickets, tuberculosis, or cerebral palsy. *UTHealth Houston News*, Houston, 13 nov. 2023. Disponível em: <https://www.uth.edu/news/story/tiny-tim-of-a-christmas-carol-might-have-suffered-from-rickets-tuberculosis-or-cerebral-palsy-uthealth-houston-physicians-say>. Acesso em: 29 abr. 2024.

LÍSIAS, Ricardo. Apresentação 2000-2002. In: DICKENS, Charles. *Oliver Twist*. Tradução de Machado de Assis e Ricardo Lísias. São Paulo: Hedra, 2002.

LOHNES, Kate. Oliver Twist. *Britannica*, London, 29 Sept. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Charles-Dickens-British-novelist#ref58993>. Acesso em: 27 abr. 2024.

LOPYOLA, Cristina Maria Douat; OLIVEIRA, Rosane Mara Pontes de. Florence Nightingale e a arte de enfermagem: texto e contexto da Inglaterra Vitoriana. *Escola Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, 2021.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. *La juventude es más que una palabra*: Ensayos sobre a cultura y juventud. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2008.

MARTINS, Alejandra. Os ossos que revelam a brutalidade do trabalho infantil na Revolução Industrial britânica. *BBC News*, São Paulo, 1 jun. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c72xwg0nglwo>. Acesso em: 29 abr. 2024.

PRADO, Luiz. Engels, revolucionário e teórico socialista, faz 200 anos. *Jornal USP*, São Paulo, 27 nov. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/engels-revolucionario-e-teorico-socialista-faz-200-anos/>. Acesso em: 29 abr. 2024.

SILVA, Maurício; PEREIRA, Márcia Moreira. Crítica social e história em William Blake e Charles Dickens. *Revista e-escrita*, São Paulo, v. 2, n. 5, 2011.

---

## Maria Victória Ruela de Seixas

Doutoranda no Programa de Literatura e Crítica Literária da PUC-SP, mestre pelo mesmo programa e graduada no curso de Comunicação Social com ênfase em Cinema pela PUC-Rio. Membro do Grupo de Pesquisa Literatura Juvenil: Questões Teóricas e Práticas de Leitura da PUC-SP, e membro fundadora do Grupo de Estudos em Literatura Fantástica da PUC-SP. Tem experiência nos estudos de literatura juvenil e fantástica, além de em estudos intermediários.

---

## Endereço para correspondência

### MARIA VICTÓRIA RUELA DE SEIXAS

Alameda Jaú, 511, Apartamento 131, Jardim Paulista, 01420-001

São Paulo, São Paulo, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.*